

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS E
GESTÃO EDUCACIONAL – PPPG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL

Katiâni do Carmo Lazzarotto

EDUCAÇÃO INCLUSIVA COMO PRINCÍPIO DE GESTÃO ESCOLAR

Santa Maria, RS
2021

Katiâni do Carmo Lazzarotto

EDUCAÇÃO INCLUSIVA COMO PRINCÍPIO DE GESTÃO ESCOLAR

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Gestão Educacional**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Eliana da Costa Pereira de Menezes

Santa Maria, RS
2021

Katiâni do Carmo Lazzarotto

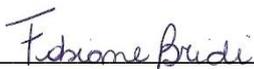
EDUCAÇÃO INCLUSIVA COMO PRINCÍPIO DE GESTÃO ESCOLAR

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Gestão Educacional**

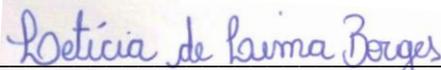
Aprovado em 08 de fevereiro de 2021



Eliana da Costa Pereira de Menezes, Dr^a. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)



Fabiane Romano de Souza Bridi, Dr^a. (UFSM)



Letícia de Lima Borges, Ma. (UFSM)

Santa Maria, RS
2021

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho marca o encerramento de mais um ciclo em minha trajetória acadêmica enquanto aluna da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. A essa instituição, sou imensamente grata por ter possibilitado a concretização de mais um sonho, ao qual realizo agora, como Especialista em Gestão Educacional.

Durante meu percurso de formação diversas pessoas estiveram envolvidas, as quais com certeza deixaram as suas marcas, e que aqui merecem o meu agradecimento. Agradeço aos meus pais, Ivoni Lazzarotto e Luiz Lazzarotto, pelo acompanhamento e apoio prestados durante este tempo, os quais, mesmo não podendo se fazer presentes comigo, pessoalmente e diariamente, ajudaram-me no que fosse necessário.

Ao meu irmão Oneide Lazzarotto e minha cunhada Tayane Kuplich, pelos momentos de auxílio e presença.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte desta formação, pelos ensinamentos prestados, em especial, à minha orientadora, a qual tenho imenso carinho e admiração, professora Eliana Menezes, pelo incentivo e acompanhamento na realização deste estudo.

Às componentes da minha banca, professora Fabiane Bridi e professora Letícia Borges, pelas contribuições e sugestões.

À Escola Municipal de Ensino Fundamental Chácara das Flores de Santa Maria – RS, por ter aceitado o convite de contribuir para esta pesquisa, especialmente, a diretora Juliana Cezimbra e a vice-diretora Viviane Leal, por terem me auxiliado no processo de coleta dos dados.

A todos vocês, muito obrigada!

RESUMO

EDUCAÇÃO INCLUSIVA COMO PRINCÍPIO DE GESTÃO ESCOLAR

AUTORA: Katiâni do Carmo Lazzarotto
ORIENTADORA: Eliana da Costa Pereira de Menezes

Este estudo objetivou analisar as ações da gestão escolar da EMEF Chácara das Flores, da cidade de Santa Maria – RS, procurando compreender como o princípio de inclusão vem sendo operado nas práticas que são desenvolvidas pelos sujeitos que ali atuam. Nessa escola, grande parte de seus alunos são oriundos de famílias em situação de vulnerabilidade social. Diante desse fato, e com a intenção de transformar essa realidade, a gestão passou a assumir a Política de Inclusão como centro de seu trabalho. O estudo organizou-se metodologicamente a partir da realização de uma entrevista com a diretora e com a vice-diretora da escola e da análise do Projeto Político Pedagógico – PPP e do Regimento Escolar. Os dados foram analisados a partir de autores como Carvalho, Roseiro e Lourenço (2020); Gallo (2014); Kohan (2020); Ribeiro (2020) e dentre outros, que foram localizados através de uma pesquisa do Estado do Conhecimento. A partir desse estudo, percebeu-se que as práticas que vêm sendo desenvolvidas estão sendo significativas para aquele contexto escolar. Apostar na inclusão como uma possibilidade de mudança foi fundamental para que a escola pudesse se reinventar e desconstruir os significados existentes sobre ela e sobre os sujeitos que por ela passam. Como resultado de um trabalho coletivo hoje a escola Chácara das Flores é vista como um espaço que materializa a potência do que pode a escola na produção de uma sociedade que ao se mostrar atenta ao singular, fortalece as nossas possibilidades de vida com o outro.

Palavras-chave: Educação inclusiva. Gestão escolar. Políticas de inclusão. Vulnerabilidade social.

ABSTRATC

INCLUSIVE EDUCATION AS A PRINCIPLE OF SCHOOL MANAGEMENT

AUTHOR: Katiâni do Carmo Lazzarotto
ADVISOR: Eliana da Costa Pereira de Menezes

This study aimed to analyze the actions of school management at the Municipal School of Basic Education (MSBE) Chácara das Flores, located in the city of Santa Maria – RS, aiming to understand how the inclusion principle is being operated in the practices that are developed by the subjects that act there. At this school, a great part of the students come from families in social vulnerability situations. In face of this, and intending to transform this reality, the management started assuming the Inclusion Policy as the core of its work. This study was methodologically organized with a school's principal and vice-principal interview and the analysis of the Political Pedagogical Project (PPP) and the school's regiment. The data were analyzed from authors such as Carvalho, Roseiro e Lourenço (2020); Gallo (2014); Kohan (2020); Ribeiro (2020), among others, in brief research that constitutes the state of art. From this study, it was perceived that the practices that are being developed are being meaningful in the school context. Believing in the inclusion as a possibility of changing was fundamental to the school reinvent itself and deconstruct its existent meanings and the ones about the subjects that have passed by it. As a result of collective work, Chácara das Flores School is seeing as a space that materializes the potentiality of what schools can do in the production of a society that shows itself attentive to the singular, and fortifies our possibilities of life with the other.

Key-words: Inclusive Education. School Management. Inclusion Policies. Social Vulnerability.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Documentos utilizados para análise.....	13
Quadro 2 – Questionário de entrevista.....	18
Quadro 3 – Relação das produções encontradas a partir da pesquisa do Estado do Conhecimento.....	21

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Escola Chácara das Flores antes e depois	34
---	----

SUMÁRIO

1 RAZÕES QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI.....	11
1.1 OBJETIVOS	15
1.1.1 Objetivo Geral.....	15
1.1.2 Objetivos Específicos.....	15
2 PASSOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO.....	17
2.1 A PESQUISA DO ESTADO DO CONHECIMENTO E AS MATERIALIDADES ENCONTRADAS.....	19
2.2 DA INVESTIGAÇÃO ÀS PRIMEIRAS IMPRESSÕES.....	23
3 CONCEPÇÕES ACERCA DA INCLUSÃO ESCOLAR E A NECESSIDADE DE PENSÁ-LA DE OUTROS MODOS.....	25
3.1 ESCOLA CHÁCARA DAS FLORES: OUTROS OLHARES POSSÍVEIS FRENTE A INCLUSÃO.....	27
3.2 RESIGNIFICANDO: DO ESPAÇO DE SEGREGAÇÃO E DEPÓSITO PARA UM LUGAR DE POSSIBILIDADES DE TRANSFORMAÇÃO.....	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43
ANEXO A – Carta de Apresentação.....	45
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 1.....	46
ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 2.....	47

“Olá, [...] sou oradora da primeira turma do nono ano na escola Chácara das Flores. Venho aqui falar sobre uma coisa muito importante, o amor; eu estudei em muitas escolas, tive muitas experiências boas e ruins, mas, nunca em minha vida no ensino fundamental fui tão bem recebida, acolhida e, amada em uma escola como nesta que estou representando, eu cheguei aqui pois tinha repetido um ano em outra escola e não era tão bem compreendida lá, e quando comecei a frequentar recebi muito carinho pelos professores, pela diretora, pelos funcionários em geral; lembro-me que no início minha pressão costumava baixar e eu quase desmaiava, e sempre com total dedicação diretora Ju e os funcionários, incluindo professores cuidavam de mim, se preocupavam comigo como se eu fosse filha deles, é isso que tô falando, desse amor incondicional que estas pessoas da escola tem por nós, eles não se importavam se eu tinha repetido, se havia tido problemas ou não em outras escolas, eles confiaram o amor e carinho deles a nós, o corpo estudantil. Com o tempo eu notei que na verdade não somos alunos e funcionários, somos uma família! Obrigada aos meus colegas, funcionários da escola, diretora Ju e o corpo estudantil por me acolher ao máximo, é disso que a mundo precisa, de mais amor e menos julgamento! Que sejamos espelhos de vocês durante a vida inteira, espelho de toda essa bondade, pois a saudade fica quando sairmos daqui, mas a admiração por todos vocês e esta escola sempre vai estar presente conosco”.
(Discurso de oradora, formatura 9º ano, aluna G, 2020).

1 RAZÕES QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI

Durante meu percurso formativo profissional, diferentes experiências e vivências perpassaram minha vida acadêmica, sendo que tais vivências possibilitaram a minha aproximação junto à área escolhida de atuação. O contato com a realidade do dia a dia é capaz de gerar indagações e provocações, as quais antes, muitas vezes, não haviam sido pensadas no meio acadêmico, e comigo não foi diferente.

No primeiro semestre do ano de 2015, ingresso no curso de Graduação em Educação Especial – Licenciatura Plena, pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Em 2018, com a chegada do ano em que concluiria a Graduação, começo a pensar e a planejar a continuidade de minha formação profissional que se daria posteriormente a formatura.

Levando em conta a bagagem de conhecimentos e acontecimentos que fizeram parte de meu trilhar no curso de Graduação e, alinhando isso ao meu desejo em cursar uma Pós-Graduação, decido participar do Processo Seletivo para o curso de Especialização em Gestão Educacional, ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional – PPPG da UFSM, onde obtive aprovação.

Por ser natural da cidade de São Pedro do Sul – RS, durante os quatro anos investidos na formação de professora de Educação Especial e nesse período investido na Especialização, escolhi a cidade de Santa Maria – RS para morar. Entre Estágios Curriculares e Extracurriculares, Projetos de Pesquisa e Extensão, trabalhos de observações e inserções nas escolas junto aos alunos, todos foram realizados nessa cidade que me acolheu, e assim, fui construindo o interesse em pesquisar e estudar um pouco mais sobre a Educação Inclusiva na mesma.

Entendo que o desejo pela realização do estudo desta monografia deu-se a partir do desenvolvimento do meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, defendido no final do ano de 2018, associado a experiências adquiridas no curso de Especialização.

Durante o período em que fui acadêmica do curso de Educação Especial, inúmeras vezes estive inserida nas escolas por meio de atividades práticas, as quais foram potencializadoras para minha futura atuação. No sétimo semestre do curso, com a proposta de realização de um trabalho de observação, que serviria como um modo de inserção no último estágio – Estágio Supervisionado em Déficit Cognitivo –, a mim foi destinada uma escola de ensino fundamental da rede municipal de Santa Maria – RS.

Nesse espaço, acompanhei uma turma do terceiro ano do ensino fundamental que, na época, possuía alunos público-alvo da Educação Especial¹ em processo de inclusão. Os dias foram se passando, e com isso o meu vínculo com os alunos e com a professora estavam mais próximos, de forma em que ela e eu trocávamos ideias e experiências constantemente, e eu não era mais vista como uma “estranha” pela turma.

Em um dado momento, sou surpreendida por relatos da professora que falava sobre a dificuldade que encontrava em pensar, planejar e desenvolver práticas e propostas pedagógicas que fossem capazes de contemplar e atender as necessidades e dificuldades dos alunos que se encontravam em processo de inclusão, naquela turma. Diante de tal situação, passo a refletir sobre a fala da professora e começo a sentir uma necessidade em *compreender como estava organizada a gestão das práticas de Educação Especial no contexto da Educação Inclusiva no município de Santa Maria – RS*, sendo este o tema do meu primeiro estudo – TCC.

Nele, procurei entender como se desenvolvia nas escolas do município o processo de inclusão dos alunos público alvo da Educação Especial. Tentei verificar as ações desenvolvidas no município, dentro desse contexto da Educação Inclusiva, além de buscar visualizar e tentar compreender como ocorria o processo de atuação e execução das práticas pedagógicas dos professores da classe regular de ensino para esses alunos.

Ao ter pesquisado o contexto Educacional Inclusivo do município de Santa Maria - RS, pude visualizar a forma como o município encontra-se organizado, os desafios, as metas e as dificuldades apresentadas pela Secretaria até aquele momento. Para o desenvolvimento do estudo, utilizou-se como abordagem a pesquisa de cunho qualitativa, o que permitiu uma visão mais ampla acerca do problema levantado.

Para a coleta dos dados, foi realizada uma entrevista com a Coordenadora de Educação Especial da Secretaria de Município de Educação – SMEd de Santa Maria – RS. Além da entrevista, alguns documentos tiveram importante papel para o processo de análise, sendo eles:

¹ Segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, definem-se como público-alvo “alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação”. (BRASIL, 2008, p.14).

Quadro 01 – Documentos utilizados para análise.

DOCUMENTO	ANO	OBJETIVO
Resolução CMESM nº 31.	12 de dezembro de 2011.	Define Diretrizes Curriculares para a Educação Especial no Sistema Municipal de Ensino de Santa Maria – RS.
Lei nº 6001.	18 de agosto de 2015.	Estabelece o Plano Municipal de Educação e dá outras providências.
Lei nº 6146.	3 de agosto de 2017.	Institui o Plano Plurianual do Município de Santa Maria para o período de 2018 a 2021.

Fonte: autoria própria.

A articulação entre os dados da entrevista e os dados visualizados em tais documentos constituíram as discussões do trabalho e possibilitaram a compreensão de elementos que constituem a organização das ações de Educação Especial no município. De maneira geral, ao concluir o processo de análise dos dados que compuseram a pesquisa e, também, dos documentos utilizados para a realização da mesma, pode-se dizer que se evidenciou o desenvolvimento, de forma significativa, do contexto educacional inclusivo de Santa Maria – RS.

Pode-se considerar isso a partir da percepção que se teve quanto ao envolvimento que a Secretaria possui no que se refere ao desenvolvimento de ações, planejamentos e propostas que almejam o fortalecimento das práticas educacionais inclusivas, que atualmente se desenvolvem na cidade. Percebeu-se, ainda, que a Secretaria possui o entendimento de que determinadas práticas, que atualmente vêm se desenvolvendo, necessitam de melhorias e para isso, há todo

um envolvimento pela busca de como reorganizar essas práticas de forma que estas passem a operar de forma mais efetiva e significativa quanto ao contexto educacional inclusivo que atualmente se faz presente.

Também, após pesquisar e analisar o contexto educacional inclusivo do município, alguns desafios foram encontrados, estando estes diretamente relacionados a pouca articulação existente entre professor da classe regular de ensino e o (a) professor (a) de Educação Especial, do ensino colaborativo ainda não ser uma prática efetiva em todas as escolas e da Sala de Recursos Multifuncionais não ser algo presente ainda em todas as escolas do município. Percebe-se que, ao mesmo tempo em que a Secretaria visualiza tais desafios, a mesma planeja ações e propostas a fim de superá-los.

Com isso, é possível notar o compromisso assumido pela mesma frente ao sistema educacional da cidade, no que se refere à busca do desenvolvimento de um trabalho que seja significativo para os seus alunos. Ao finalizar o estudo, foi possível concluir que as práticas que atualmente vêm se desenvolvendo no município, no que se refere à Educação Inclusiva, apresentam um grande movimento pela busca do fortalecimento do trabalho que já vem sendo realizado.

Após a conclusão da pesquisa de 2018, passei a estar diante de informações que tinham por objetivo falar sobre a Educação Inclusiva do município de Santa Maria – RS. Esta se referia, naquele momento, aos alunos público-alvo da Educação Especial. Com o passar dos meses, já na condição de aluna da Especialização, conversando com uma professora também pesquisadora da área da educação, passei a tomar conhecimento da Escola Municipal de Ensino Fundamental Chácara das Flores, que possui como Gestora uma profissional formada em Educação Especial.

Nessa escola, grande parte de seus alunos são oriundos de famílias em situação de vulnerabilidade social². Segundo Pereira, “a vulnerabilidade social se configura a partir da exposição a riscos de diferentes naturezas, sejam sociais, econômicos ou culturais, que indivíduos ou grupos estão sujeitos como produto de um processo de exclusão e desigualdade social”. (PEREIRA, 2009, p. 26).

Diante desse fato, e com a intensão de transformar a realidade de vida de seus alunos, a gestão escolar passou a assumir a Política de Inclusão como centro de seu trabalho, de forma que o conceito de inclusão começou a ser compreendido como princípio na proposição de práticas que devem contemplar todos os alunos que ali se encontram matriculados.

² O contexto em que a escola se encontra inserida está apresentado de forma detalhada no decorrer deste trabalho.

É possível perceber a existência de todo um movimento por parte da escola pela busca de possibilidades que possam garantir a inclusão de todos os seus alunos nas mais diferentes práticas e propostas ofertadas e desenvolvidas dentro daquele ambiente. Com base nisso, senti-me instigada em compreender como as ações da gestão escolar, ao assumir o princípio da inclusão como centralidade de suas práticas, vêm operando práticas inclusivas via ações desenvolvidas pelos sujeitos que ali atuam, bem como, entender de que forma tal compreensão de inclusão se materializa nos documentos responsáveis por nortear o trabalho no espaço escolar, como o Projeto Político Pedagógico (PPP) e o Regimento escolar.

Nesse sentido, volto novamente o meu olhar para pesquisar sobre a Educação Inclusiva no município de Santa Maria – RS, porém, agora, para pensar em outra Educação Inclusiva³ que, para a escola elencada como contexto investigativo, não contempla apenas os alunos ditos público-alvo da Educação Especial, mas todos os estudantes que fazem parte do seu espaço.

Dessa forma, este trabalho girou em torno da seguinte pergunta norteadora: Como as ações da gestão escolar, ao assumir o princípio da inclusão como centralidade de suas práticas, vem operando práticas inclusivas via ações desenvolvidas pelos sujeitos que ali atuam?

1.1 OBJETIVOS

Levando em consideração as ideias apresentadas, tem-se como objetivos deste estudo:

1.1.1 Objetivo Geral

- Analisar as ações da gestão escolar centrada no princípio da inclusão, procurando compreender como tal princípio vem sendo operado nas práticas que são desenvolvidas pelos sujeitos que atuam na EMEF Chácara das Flores.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Compreender como as práticas pedagógicas se articulam com o princípio de inclusão;
- Identificar as propostas e ações previstas pela gestão escolar no que se refere a educação inclusiva;

³ Nesse trabalho, entende-se o conceito de inclusão como aquele que deve perpassar não apenas à um público específico de sujeitos, mas sim, a todos aqueles que compõem a sociedade.

- Analisar o Projeto Político Pedagógico (PPP) e o Regimento escolar, buscando conhecer os discursos que sustentam a atuação da gestão escolar frente a educação inclusiva.

Considerando tais objetivos, elegi autores como Ribeiro (2020); Gallo (2014); Carvalho, Roseiro e Lourenço (2020); Glat (2007) e Kohan (2020) que, em suas produções, apresentam elementos que vão ao encontro das discussões referentes ao trabalho que vem sendo desenvolvido na EMEF Chácara das Flores, o que possibilitou fundamentar as análises que se mostraram potentes a partir do trabalho com os materiais empíricos produzidos, e que serão apresentados na sequência do estudo.

2 PASSOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO

Metodologicamente, este estudo desenvolveu-se por meio de uma pesquisa de cunho qualitativo do tipo Estudo de Caso, pelo fato de melhor adequar-se ao propósito desta pesquisa. No que se refere ao Estudo de Caso, Triviños traz como sendo uma “categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente”. (TRIVIÑOS, 1987, p.133).

Tal estudo teve como contexto investigativo a Escola Municipal de Ensino Fundamental Chácara das Flores da cidade de Santa Maria – RS. A escolha por desenvolver o estudo nesse espaço, deu-se em decorrência de experiências adquiridas durante meu processo formativo, enquanto acadêmica do curso de Especialização em Gestão Educacional pela UFSM e pelo fato de a gestão dessa escola possuir como centro de desenvolvimento de seu trabalho o princípio da inclusão.

Segundo dados obtidos através da análise do Projeto Político Pedagógico (PPP), do ano de 2020, a EMEF Chácara das Flores está localizada na Rua La Paz, Bairro Chácara das Flores, na cidade de Santa Maria/RS. Atualmente, contempla as etapas de Educação Infantil e Ensino Fundamental completo, sendo que em 2020 foi implementado o 9º ano.

A escola possui um total de 270 alunos, distribuídos nos turnos da manhã e tarde. A equipe diretiva é composta pela diretora, vice-diretora e duas coordenadoras pedagógicas. Possui 20 professores, 05 funcionários e 06 estagiários que atuam como monitores de alunos com necessidades específicas.

Em seu espaço físico, possui 09 salas de aula (06 delas no 2º andar do prédio e 03 no andar térreo). A escola não possui acessibilidade para o 2º andar, onde, além das 06 salas de aula, também se encontra a sala de informática.

Há banheiros nos dois andares, separados em feminino, masculino e banheiro dos professores. Possui saguão fechado e refeitório com mobiliário apropriado, porém, insuficiente para o número atual de alunos. No andar térreo estão localizadas as salas dos setores administrativos da escola, a sala do Atendimento Educacional Especializado, a biblioteca, a sala de jogos e o salão de eventos.

No que se refere ao ambiente social, cultural e físico; situação socioeconômica e educacional da comunidade em que a escola está inserida, consta no documento analisado que está sendo feita uma pesquisa a respeito desses dados. Consta ainda, que as relações entre escola e comunidade são estreitas, dado o envolvimento estabelecido com a situação de

vulnerabilidade social de muitas famílias, sobre a qual a equipe diretiva não só reconhece como promove ações de inclusão social.

Para a coleta dos dados, realizou-se uma entrevista de forma virtual através da Plataforma Meet com a diretora (identificada como P1) e com a vice-diretora da escola (identificada como P2). A escolha por desenvolver desse modo deu-se em decorrência da pandemia da Covid-19, que exige, desde março de 2020, distanciamento social no Brasil.

Como forma de guia para a entrevista, utilizou-se de seis perguntas previamente estabelecidas e que foram sendo abordadas no decorrer da entrevista, sendo elas:

Quadro 02 - Questionário de entrevista.

1	De forma geral, qual o seu entendimento no que se refere as Políticas de Inclusão escolar e qual o papel da gestão escolar diante dessas Políticas?
2	Como a Educação Inclusiva vem sendo pensada dentro da escola e como esta vem organizando-se diante de tais ideias?
3	De que forma as práticas pedagógicas encontram-se articuladas ao princípio de inclusão e como estas vêm sendo operadas?
4	Quais as ações e estratégias desenvolvidas para que a Educação Inclusiva ocorra de forma efetiva e de maneira com que esta contemple e atenda a todos os seus alunos?
5	Essas ações são significativas para o atual contexto social que esses estudantes estão inseridos? Há participação da comunidade nessas práticas? Como é o envolvimento dos pais?
6	Quais os principais desafios atualmente existentes frente aos seus alunos, tanto dentro do espaço escolar quanto fora dele e como a escola vem lidando com estes? Estes desafios se potencializaram no contexto pandêmico, com a adoção do ensino remoto?

Fonte: autoria própria.

A entrevista, em um primeiro momento, foi gravada e posteriormente transcrita e analisada. Além da entrevista, realizou-se a Análise documental do Projeto Político Pedagógico (PPP) e do Regimento escolar, uma vez que são importantes documentos, pois são responsáveis por nortear o trabalho dentro do espaço escolar.

As participantes da entrevista receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a participação no desenvolvimento deste estudo. A articulação entre os dados encontrados durante o processo de realização da entrevista, juntamente com as informações visualizadas nos documentos, foram fundamentais para a compreensão de como o princípio de inclusão vem sendo significado e operado nas práticas desenvolvidas naquele espaço pelos sujeitos que ali atuam.

Além dos autores já anunciados como os eleitos para a discussão que constitui o trabalho, embasam, também, as análises autores como Pereira (2009); Breitenbach (2012); Ferrão (2011); Gomes (2018); Machado (2012), dentre outros, identificados por meio da realização de uma pesquisa de Estado do Conhecimento, cuja intencionalidade foi realizar um levantamento de trabalhos já produzidos sobre a temática de pesquisa deste estudo, e que poderiam vir a contribuir nas discussões aqui apresentadas.

Para Castro e Werle, “um estado da arte ou do conhecimento é uma análise da produção acadêmica em uma determinada área, que permite reconhecer e identificar o conhecimento produzido, as áreas de tensão e possíveis avanços na compreensão do tema em estudo” (CASTRO E WERLE, 2004, p.1045). Considerando tais ideias, o subcapítulo seguinte tem por objetivo apresentar de forma detalhada a pesquisa do Estado do Conhecimento realizada, considerando sua metodologia de desenvolvimento e os resultados.

2.1 A PESQUISA DO ESTADO DO CONHECIMENTO E AS MATERIALIDADES ENCONTRADAS

Como forma de desenvolvimento dessa pesquisa, utilizou-se como fonte de busca das produções o Manancial do Repositório Digital da UFSM, optando por trabalhos a partir do ano de 2008⁴. A procura pelos trabalhos desenvolveu-se por meio da utilização de três combinações de descritores⁵, os quais se relacionavam com a temática deste estudo, e também, com a

⁴ A escolha por trabalhos realizados a partir desse ano deve-se ao fato de levar em consideração a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, implementada em 2008.

⁵ Descritores são palavras-chave que sintetizam o tema que está sendo pesquisado, possuindo relações de conceitos.

utilização de um Operador Booleano⁶. Dessa forma, as combinações utilizadas foram as seguintes: “gestão escolar” AND “educação inclusiva”, “políticas de inclusão” AND “vulnerabilidade social” e “gestão escolar” AND “vulnerabilidade social”.

Em um primeiro momento, buscou-se por trabalhos da Subcomunidade da Biblioteca Digital de Dissertações e Teses, focando em trabalhos da coleção de Dissertações de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação; Dissertações de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional e Teses de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação. Optei por buscar nesses programas, por entender que o foco de discussões contidas nesses estudos está voltado para o âmbito educacional/escolar, e também, por levar em conta a área de concentração do curso que este presente trabalho foi desenvolvido.

Em um segundo momento, busquei por trabalhos da Subcomunidade da Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso, onde esteve disponível, de forma geral, Trabalhos de Conclusão dos cursos de Especialização e Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação. Considerando os cinco locais de busca, utilizando as três combinações dos descritores, encontrou-se um total de 439 trabalhos.

Durante as buscas, ao se utilizar as diferentes combinações dos descritores, foi possível perceber que alguns dos trabalhos se repetiam, desta forma, estes foram contabilizados apenas uma vez. Após localizar os trabalhos, procurei atentar-me para aqueles que problematizavam a educação inclusiva pensada de modo ampliada – não direcionada apenas aos alunos com deficiência – trabalhos que discutissem a vulnerabilidade social no contexto escolar e a gestão escolar junto a tais ideias.

Em um primeiro momento, analisaram-se os títulos das produções, posteriormente se fez a leitura dos resumos – eliminando aqueles que se desviavam da proposta – e por fim, uma leitura completa da produção. Ao realizar uma leitura mais detalhada, constatou-se que o número de trabalhos que se aproximavam com o interesse da pesquisa e que poderiam vir a ser utilizados nas discussões aqui apresentadas, totalizava-se em 13.

Considerando tais ideias, estabeleceu-se o quadro abaixo, o qual mostra simplificadamente a relação das produções encontradas, tomando como base o local de busca, número total de trabalhos e número total de trabalhos selecionados que poderiam ser utilizados.

⁶ Operadores Booleanos são responsáveis por estabelecerem relações entre determinados termos, sendo eles: AND, OR e NOT. Nesta pesquisa, utilizou-se o Operador AND pelo fato deste ter a função de combinar os termos de forma com que cada resultado da pesquisa contenha todos os termos utilizados no momento da busca.

Quadro 3 – Relação das produções encontradas a partir da pesquisa do Estado do Conhecimento.

ESTADO DO CONHECIMENTO		
Local de Busca	Trabalhos encontrados	Trabalhos selecionados
Teses de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação.	37	2
Dissertações de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação.	77	3
Dissertações de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional.	31	1
Trabalhos de Conclusão de Curso – Especialização.	279	7
Trabalhos de Conclusão de Curso – Graduação.	15	0
Total	439	13

Fonte: Autoria própria.

Após verificar os trabalhos que se aproximavam com a temática desse estudo, era hora de saber quais deles contribuiriam como referenciais teóricos para as discussões dessa pesquisa. Tal definição foi estabelecida no decorrer do desenvolvimento deste estudo, uma vez que os trabalhos relevantes já estavam selecionados. Dessa forma, dos 13 trabalhos relevantes, 07 compuseram os referenciais aqui utilizados, estando estes apresentados de forma detalhada, logo a seguir:

Trabalhos de Conclusão de Curso – Especialização (05 trabalhos):

- *A gestão educacional numa escola da periferia urbana de Santa Maria/RS: a infância em situação de vulnerabilidade social.* Trata-se de um Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Gestão Educacional, defendido no ano de 2009. De autoria de Alcimari Soares e orientação de Viviane Ache Cancian, o trabalho se propôs, através de uma abordagem metodológica de caráter qualitativo, identificar e analisar as concepções que possuem professores de uma escola situada na região oeste de Santa Maria/RS acerca da infância em

situação de vulnerabilidade social, investigando suas possíveis repercussões na gestão educacional.

- *Inclusão Escolar: desafios dos gestores na orientação docente.* Trata-se de um Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Gestão Educacional, defendido no ano de 2018. De autoria de Lara Simone Vizzoto Gomes e orientação de Adriele Delgado Dias, o trabalho analisou como os gestores podem auxiliar o corpo docente diante da inclusão escolar. Teve como lócus a equipe diretiva e professores de duas escolas, uma da cidade de Espumoso e a outra da cidade de Lagoa dos Três Cantos, ambas do Rio Grande do Sul.

- *A inserção da diversidade no contexto da desigualdade social: desafios para a gestão escolar.* Trata-se de um Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Gestão Educacional à distância, defendido no ano de 2011. Possui como autora Elize de Matos Souto e como orientadora Elena Maria Mallmann. O trabalho buscou investigar as características e os desafios de uma escola municipal de Santa Maria, cujo cenário é marcado pela diversidade e desigualdade social.

- *Gestão participativa: uma nova perspectiva de educação.* Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Gestão Educacional, defendido no ano de 2011. De autoria de Evanir Quevedo Ferrão e orientação de Celso Ilgo Henz, o trabalho objetivou apresentar o processo de gestão participativa e democrática no Centro Social Marista Santa Marta. Fundamentou-se em ações integradas essenciais que definem o rumo da instituição, nas dimensões pedagógica, administrativa, política e social, visando a transformação social no local em que está inserido, oportunizando de forma participativa a integração de toda a comunidade escolar no processo.

- *A gestão escolar democrática e os desafios da escola básica nas comunidades em situação de vulnerabilidade social.* Trata-se de um trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Gestão Educacional, defendido no ano de 2012. Possui como autora Dirlene Pacheco Machado e como orientador Phil Jorge Luiz da Cunha. A pesquisa foi construída a partir de inquietações e percepções vivenciadas durante a trajetória de formação acadêmica ao observar modelos de gestão em escolas públicas da cidade de Santa Maria – RS. Para compreender o papel social do gestor educacional na função de direção ou supervisão, no período empreendido entre 1980 e 2010, buscou-se, através das memórias de duas professoras que exerceram a função de direção e supervisão no referido período, verificar em que medida seu trabalho foi afetado pelas políticas públicas e ações governamentais, levando-se em conta

a autonomia da escola e sua responsabilidade social frente às comunidades em situação de vulnerabilidade social.

Dissertações de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (01 trabalho):

- *Propostas de Educação Inclusiva dos Institutos Federais do Estado do Rio Grande do Sul: alguns apontamentos.* Trata-se de uma Dissertação de Mestrado defendida em 2012. De autoria de Fabiane Vanessa Breitenbach e orientação de Fabiane Adela Tonetto Costas, o trabalho teve como finalidade compreender as propostas de educação inclusiva nos documentos orientadores dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Rio Grande do Sul (IFRS) e, neste panorama, como são contempladas as pessoas consideradas, hoje, público-alvo da Educação Especial.

Dissertações de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Políticas públicas e Gestão Educacional (01 trabalho):

- *Possibilidades para a organização do trabalho escolar na perspectiva de uma proposta de educação integral.* Dissertação de mestrado defendida no ano de 2017. Possui como autora Fabricia Sônego e orientadora Maria Elisa Rosa Gama. Tal trabalho objetivou compreender as possibilidades e as limitações para a organização do trabalho escolar na perspectiva de uma proposta de educação integral, a partir do contexto vivenciado no Programa Mais Educação. Partiu da seguinte problemática: Que possibilidades existem nas formas de organização do trabalho escolar para a articulação com as ações desenvolvidas na proposta de educação integral.

2.2 DA INVESTIGAÇÃO ÀS PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Com o propósito de possibilitar que as participantes da entrevista se sentissem o mais confortável possível durante o processo de coleta dos dados, optou-se pela realização da entrevista de forma conjunta. Foi estabelecido que ambas teriam liberdade quanto ao melhor momento de iniciar a sua fala, a sua contribuição e/ou de dar continuidade no pensamento uma da outra.

Com a realização da entrevista, passou-se a estar diante de riquíssimas contribuições, as quais serão apresentadas e problematizadas no decorrer do trabalho. Ocupar-se de toda a materialidade trazida pelas entrevistadas seria impossível em decorrência do tempo e, sendo assim, buscou-se dar atenção para aqueles elementos que apareciam com maior recorrência nas

respostas dadas pelas entrevistadas, dando ênfase naquilo que era falado por uma e reafirmado pela outra.

Após esse movimento, estabeleceu-se dois pontos centrais de discussão para compor a analítica da investigação, sendo eles:

- Discussão acerca da forma como a gestão escolar da escola Chácara das Flores vem atuando frente as Políticas de Inclusão, a concepção que a gestão tem sob essas Políticas e para quais sujeitos tais Políticas vêm sendo pensadas dentro do espaço escolar investigado.

- Problematização de como a escola e os sujeitos que a compõem eram vistos, narrados e caracterizados há algum tempo e como estes vêm sendo pensados atualmente, e o movimento que se teve até a chegada desta transformação.

Tais elementos foram escolhidos por considerar que estes apareceram como ponto forte nas respostas dadas pelas entrevistadas e, sendo assim, os dois próximos subcapítulos dedicam-se a discuti-los.

3 CONCEPÇÕES ACERCA DA INCLUSÃO ESCOLAR E A NECESSIDADE DE PENSÁ-LA DE OUTROS MODOS

Ao falar de Inclusão Escolar, é fácil deter-se na ideia de que esta refere-se, exclusivamente, aos sujeitos público-alvo da Educação Especial. Tal ideia, vai ao encontro de Breitenbach 2012, quando esta traz que:

Muitas pessoas quando ouvem falar sobre a inclusão ou quando são questionadas sobre o assunto estabelecem, quase de forma automática, uma relação com as pessoas com deficiência. A relação entre inclusão e deficiência, de certa maneira, transformou-se em senso comum. (BREITENBACH, 2012, p.55).

Essa concepção pode estar associada ao crescente aumento dos debates no que se refere ao direito desses alunos estarem na escola regular, o que acaba, de certa forma, trazendo esses sujeitos para o centro das discussões. Podemos considerar que no Brasil, desde a formulação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 – LDBEN/96 (BRASIL,1996), as práticas escolares passaram a estar organizadas a partir de princípios inclusivos, e na atualidade, a partir da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva - PNEEPEI (BRASIL, 2008) e da Lei Brasileira de Inclusão de 2015 (BRASIL, 2015), esses princípios encontram-se mais presentes na escola.

Dessa forma, a partir da emergência dessas Políticas Públicas, a presença de alunos com deficiência passou a ganhar maior visibilidade dentro do espaço escolar. Com a efetivação da Inclusão Escolar a partir da PNEEPEI/2008, os alunos considerados público-alvo da Educação Especial passaram a ter direito de estar matriculados e de frequentar a mesma sala de aula em escolas de ensino comum.

Cabe ressaltar que nem sempre essa efetivação por si só garantirá o sucesso nesse processo inclusivo. Apenas assumir tais Políticas não basta, é preciso que o espaço escolar tenha as condições para receber seus alunos e garantir a sua permanência de forma efetiva.

É necessário, ainda, um olhar atento por parte da escola quanto às adequações necessárias a serem desenvolvidas para uma melhor acomodação desses sujeitos, de forma que o processo de desenvolvimento e aprendizagem destes ocorra de maneira significativa. É preciso atentar-se para as mais diversas singularidades que perpassam pelo espaço escolar, pois “para falar de inclusão escolar, é preciso repensar a educação, reformular as metodologias, valorizar a diversidade e garantir a participação de todos independentes das necessidades de cada indivíduo”. (GOMES, 2018, p.17).

Apesar das Políticas de Inclusão possuir como centralidade de seus discursos o aluno com deficiência, cabe ressaltar a importância de pensarmos esta para além deste aluno. O espaço escolar é formado por diferentes sujeitos, das mais distintas realidades e contextos, o que aumenta a necessidade de atenção por parte da equipe escolar diante das diversas situações que possam surgir.

Diante disso, se faz importante ampliar o conceito sobre inclusão escolar, pois a escola que deseja ser inclusiva precisa “abraçar” a todos os sujeitos que a compõe, desconstruindo padrões normativos e atentando para a diferença como fator de enriquecimento humano. Precisa estar atenta às singularidades que circulam as vidas dos sujeitos, a fim de que juntos possam buscar formas de potencialização das capacidades de todos.

Não é tarefa fácil criar um ambiente escolar inclusivo e para que isso aconteça é preciso ter um envolvimento de toda a comunidade escolar, desenvolvendo ações pedagógicas voltadas para a conscientização, com vistas a construir a escola que se deseja. Um dos grandes responsáveis por essa mudança é o gestor, pois ele é o agente mobilizador, orienta nas tomadas de decisão e também por realizar ações para colocá-las em prática. (GOMES, 2018, p.9).

Levando em conta tais ideias, salienta-se a importância do papel da gestão escolar para a efetivação de uma escola centrada no princípio da inclusão. Enquanto setor responsável por conduzir a área educativa, a gestão escolar deve estar atenta para a realidade de vida de seus alunos, de sua equipe e ao próprio contexto social em que a escola está inserida, de forma que, a partir disso, possa planejar suas práticas de acordo com as condições daquele espaço.

A escola é um espaço de coletividade e “o gestor, então, é o elo entre os docentes, alunos e comunidade escolar em prol da transformação da escola inclusiva”. (GOMES, 2018, p.10). Na EMEF Chácara das Flores de Santa Maria - RS, espaço que serviu de contexto investigativo para esta pesquisa, é possível visualizar movimentos importantes por parte da gestão escolar que buscam a transformação das práticas desenvolvidas na escola.

3.1 ESCOLA CHÁCARA DAS FLORES: OUTROS OLHARES POSSÍVEIS FRENTE À INCLUSÃO

Ao analisar as narrativas da gestão escolar, a partir da entrevista realizada, ficou evidente o modo como a escola Chácara das Flores vem desenvolvendo o seu trabalho. Atualmente, a escola está localizada em uma região de periferia em Santa Maria - RS, sendo que grande parte de seus alunos são de famílias em situação de vulnerabilidade social.

Diante dos desafios vivenciados, a gestão escolar passou a assumir as Políticas de Inclusão como princípio norteador de suas práticas educacionais e, dessa forma, buscou e busca reinventar seu espaço escolar. Essa reinvenção possibilitou pensar a inclusão como aquela que acolhe a todos, aquela que valorizada cada singularidade.

P1 – “Eu iniciei na escola em 2016 [...], atuando como Educadora Especial e eu já trabalhava nesta perspectiva de pensar a inclusão com um todo [...] a escola tem muito isso, de olhar a inclusão para além da deficiência, do aluno com deficiência. [...]. Eu trabalho muito com a frase de que ninguém dá aquilo que não tem. O aluno não dá aquilo que ele não tem. Então ele não pode nos oferecer uma educação dentro dos padrões que a sociedade nos pede, se ele não tem isso [...]. Incluir é olhar pro aluno e ver o que ele precisa para aquele momento né”.

No contexto deste estudo, entende-se que incluir não é pensar apenas em um público específico de sujeitos, mas sim, atentar-se para as diferentes realidades que, juntas, compõem o espaço escolar. É buscar formas de garantir a permanência desses sujeitos e perceber possíveis empecilhos que possam surgir ou se fazerem presentes.

Um dos maiores desafios da educação atual é atuar de forma inclusiva, em meios que sequer favorecem a aprendizagem convencional. A desigualdade social é um fator agravante na eficiência do ensino, visto que seus efeitos reduzem a capacidade do aluno de concentrar-se no aprendizado. (SOUTO, 2011, p.27).

Tais desafios tornam-se cada vez mais visíveis em uma sociedade que se vê marcada pelo desequilíbrio social, onde sobram possibilidades e estímulos para alguns e faltam para outros. Não há como exigir os mesmos resultados nos mais diferentes espaços escolares e, principalmente, naqueles mais vulneráveis, se as condições não são as mesmas, se o contexto não é o mesmo. Não há como pensar em resultados sem que antes se tenha as condições para isso. Não há como exigir que o aluno nos dê respostas, se ele não está preparado para isso.

Assim, entende-se que apostar na inclusão escolar como uma possibilidade de mudança é uma forma de reinventar os significados de escola e educação, e na escola Chácara das Flores, essa reinvenção não é percebida apenas para o seu espaço físico, mas também, como uma possibilidade de mudança na vida dos sujeitos que por ela passam e dos que um dia já passaram. Uma inclusão que vem sendo pensada na vontade de modificar as vidas que pulsam ali dentro.

P2 – “[...] é uma inclusão que vem desde crianças que vêm a escola como um refúgio, a escola como um apoio para eles [...]. Eu já tive turmas em que eu tinha crianças que não tinham banheiro em casa, que chegavam iam no banheiro da escola, roupas também nós tínhamos guardadas neste sentido de que essas crianças realmente se sentissem acolhidas. O nosso trabalho no Chácara das Flores é no sentido de que as crianças se sintam bem lá dentro e partindo do princípio de que se sentindo bem,

tendo esse cuidado nosso, esse olhar, eles vão também em contrapartida aprender mais, eles vão em contrapartida querer estar na escola e isso vai passando para os pais também. [...] a inclusão é isso, perceber que os que mais precisam da gente, é esses que gente tem que dar atenção. [...], aquele que tem a sua família desestruturada, que tá ali com os olhinhos pedindo apoio pra nós, aquela criança que tem uma deficiência, que fica jogada de lado. Eu acho que essa é a caminhada da gestão e dos professores do Chácara das Flores, [...] de resgatar, de incluir”.

A escola é espaço de encontros múltiplos, de aproximação e contato das diferenças. Diante disso, se vê a importância de ressignificar o papel da escola, de reinventar esse espaço e suas práticas, a fim de possibilitar que todos tenham as mesmas oportunidades e possam, assim, permanecer de forma digna, estabelecendo interações.

A inclusão está presente em nosso dia a dia e, como educadores-gestores, precisamos estar preparados para atender a necessidade de cada aluno, compreendendo nossa influência diante das decisões a serem tomadas, em busca por melhorias e sabendo lidar com as dificuldades encontradas para a construção de uma escola inclusiva. (GOMES, 2018, p.10).

Não há como pensar em escola inclusiva sem atentar-se e sem ter cuidado com as vidas que dividem um mesmo espaço. A escola inclusiva precisa ser um lugar que convide cada um a querer estar com o outro, e que estes compreendam a importância daquela existência outra, daquela singularidade que é diferente da sua, mas que é diferente também de todas as outras, fazendo assim com que o outro se sinta importante e pertencente aquele espaço.

Práticas inclusivas não podem ser pensadas apenas para alguns sujeitos. Faz-se importante pensá-la como possibilidade para todos e, principalmente, para aquele aluno que, muitas vezes, não tem as condições mínimas para estar em uma sala de aula, que, frequentemente, se vê diante de um turbilhão de sentimentos e acontecimentos. É preciso “investir nas diferenças que aí estão, produzir diferenças outras. experimentar misturas. experimentar jeitos próprios. enxergar o mínimo e o efêmero nos processos educativos, fazer zoom neles e dar-lhes destaque [...]”. (GALLO, 2014, p.30).

P1 – *“Nós tínhamos no ano passado uma turma de meninas que estavam se cortando, [...]. Tinha manhãs que [...] não tinha como ter aula, mas nós tínhamos o colo, o carinho. Botar elas sentadas, falar da vida, dizer que ia passar, que a gente estava ali né. Então, esse também é o trabalho da escola. ‘Ah, mas ela está deixando de aprender, tem lá uma aula importante’. O que é mais importante na vida desse aluno? Ele estar bem e estar com vontade de viver ou ele aprender ou ficar dentro de uma sala de aula, porque ele também não vai aprender né, qual é o sentido da inclusão? É estar né como um corpo presente ou estar ali porque eu consigo ver que aqui eles me olham e que aqui eu sou visto, que né”.*

A escola, muitas vezes, é vista como aquele espaço responsável por apenas passar o conteúdo, onde os alunos estão ali para aprender e o professor ensinar. Será que realmente é esse o seu papel?

[...] é preciso uma nova racionalidade do que é a escola, do que queremos que seja a escola [...]. Uma nova racionalidade de escola remete a um olhar criterioso para a escola, que perceba o que passa sem ser visto no cotidiano escolar, pois é o cotidiano da escola que a torna escola, nas ações pensadas ou não, dos professores, dos funcionários, da equipe diretiva, dos processos de gestão escolar (SÔNEGO, 2017, p. 66-67).

Torna-se importante pensarmos a escola como lugar de diálogo, de acolhida, pois “a educação efetivamente acontece no mínimo, nos pequenos atos cotidianos que, de forma geral, nos passam despercebidos” (GALLO, 2014, p.26). Por isso, a importância de nos atentarmos para os detalhes que, regularmente, nos revelam o aluno e seu contexto, e assim, buscar possibilidades de potencializar suas existências, pois “os processos inclusivos na escola requerem transformação de olhares, de comportamentos e das práticas educativas”. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2020, p. 8).

É preciso uma escuta atenta aos alunos, capaz de despertar sua confiança, fazer com que eles percebam que podem confiar na escola, nos professores, na direção. A partir dessa confiança, torna-se muito mais fácil aproximar-se desses sujeitos e perceber o que constituem as suas singularidades.

P1 – “[...] é por nos respeitar que eles nos contam as coisas, nos falam, nos pedem ajuda. Agora teve há uns 3 meses atrás uma aluna que estava com uma DST e ela não falou pra mãe dela, ela falou pra mim, ela pediu ajuda pra mim sabe, isso é inclusão, é olhar pro aluno, orientar. É dizer assim, pode contar comigo, eu vou te orientar, tu vai ir no médico [...]. Isso é dizer para eles que nós estamos aqui”.

Percebe-se que o vínculo afetivo é um importante fator no processo educativo. Atentar-se ao outro, considerar o outro, a vida do outro, questões estas que permitem enxergar os diferentes desafios que permeiam os diversos modos de existência. Por isso, a importância de “pensar o impossível de ser pensado, sentir o impossível de ser sentido, ouvir o não audível, ver o não visível, sentir o não sensível, perceber o não perceptível [...]”. (RIBEIRO, 2020, p.166).

A partir do momento em que a escola consegue despertar no aluno a confiança de que este pode chegar e conversar, desabafar, isso passa a abrir novos caminhos em direção a uma educação que permita chegar a todos, uma inclusão que perpassa a todos. Isso, de certa forma, fortalece o desejo de permanência desses alunos e a ideia de pertencimento ao espaço escolar.

P2 – “É no sentido de que a gente não pensa também o aluno como todo uma regra, ‘ah é assim que vai ser’ [...]. Se tiver que parar e ir lá dar essa atenção pra esse aluno, é assim que é feito. Isso faz toda a diferença, porque aí esse aluno vem pro nosso lado [...]. A regra é olhar aquele ser humano que tá ali, como um ser humano, [...]. Ver o que ele tá precisando pra que ele consiga aprender. Ele vai aprender, a partir do momento que ele tiver as condições de aprender. Se ele estiver com fome, com frio, precisando chegar e ir no banheiro correndo e eu botar uma regra, esse aluno não vai voltar. Ele vai voltar se ali ele se sentir que está sendo olhado, [...]. Ele vai aprender a partir do momento que ele se sentir incluído na escola”.

Tais ideias nos levam a pensar no conceito de empatia, ou seja, na importância de nos colocarmos no lugar do outro, de pensarmos no aluno que está a nossa frente. Não há como desenvolver um trabalho, sem que antes estejamos atentos ao aluno, sem que se pense nas condições e possibilidades deste aluno, na sua realidade/contexto de vida.

Importa, portanto, intensificar as maneiras singulares do existir. Ao contrário do que tradicionalmente ocorre nas escolas nas quais é valorizado o princípio formal que organiza as práticas e fundamenta existências, torna-se necessário amplificar a multiplicidade das existências, considerando a potência do existir de uma maneira especial, singular. (CARVALHO, ROSEIRO e LOURENÇO, 2020, p.94).

Por isso, a importância de ouvir o que o aluno tem a nos dizer, de compreender os seus desejos, sentimentos, anseios e dificuldades, e compreender de forma sensível, sem o julgamento moral que pressupõe a classificação de algumas vidas como vidas errantes, e outras não. Por esse motivo, é importante buscar formas e estratégias que possibilitem acomodar a todos, conforme as suas particularidades.

P1– “[...] eu consigo ver hoje a escola Chácara das Flores como uma escola inclusiva né. [...], nós não temos hoje acessibilidade na escola, mas mesmo assim eu considero uma escola inclusiva. ‘Ah, mas não tem acessibilidade para o segundo piso!’ Mas a gente sempre dá um jeito. A gente vai dar um jeito. É brabo, é ruim, a gente se sente mal, mas assim, nossos alunos não vão deixar de aproveitar a escola porque tem uma escada, né. Nós estamos lutando, batalhando muito pra que logo tenhamos uma rampa né, mas a gente vê o quanto que a evolução já foi né. Por que inclusão não é dar acessibilidade, não é ter interprete de Libras. O que adianta a gente ter todos os artifícios para incluir se a gente não tem um pensamento inclusivo né, se a gente não tem uma estratégia pedagógica inclusiva, se a gente não tem uma estratégia de gestão inclusiva né, então eu vejo muito isso”.

No contexto da escola em questão, incluir é buscar soluções, possibilidades para resolver determinado problema e, assim, garantir a participação de todos. Não basta a escola dizer que é inclusiva pelo fato de possuir uma Sala de Recursos, um (a) professor (a) de Educação Especial, equipamentos e dentre outros. Ela será inclusiva a partir do momento em que, em seu conjunto de relações, passar a assumir como legítima todas as formas de vida que

constituem a comunidade. Não há nessa escola vidas mais importantes, vidas mais bonitas, vidas mais corretas. Não há vidas exemplares, vidas normais, vidas que devem ser seguidas. Há vidas! Vidas possíveis. Vidas reais.

Para tornar-se inclusiva a escola precisa formar seus professores e equipe de gestão, e rever as formas de interação vigentes entre todos os segmentos que a compõem e que nela interferem. Precisa realimentar, sua estrutura, organização, seu projeto político pedagógico, seus recursos didáticos, metodológicos e estratégias de ensino, bem como suas práticas avaliativas. Para acolher todos os alunos, a escola precisa, sobretudo, transformar suas intenções e escolhas curriculares, oferecendo um ensino diferenciado que favoreça o desenvolvimento e a inclusão social (GLAT, 2007, p.16).

Práticas inclusivas não pressupõem apenas a adaptação do espaço físico. É importante estabelecer um ambiente em que, tanto os alunos, quanto a família e demais sujeitos que compõem aquele espaço, sintam acolhimento, inclusão.

Essas ações/estratégias de acolhimento precisam se fazer presentes no dia a dia da escola, que se organiza e prepara para favorecer a cada aluno que divide aquele espaço. Criar um ambiente escolar inclusivo significa orientar não só os professores e demais funcionários, mas os responsáveis pelo aluno, e os demais alunos, para que, juntos, possam caminhar coletivamente rumo a um processo educativo que potencialize aprendizagens.

P1 – “Eu vejo assim, que a escola Chácara das Flores tem como característica prática trabalhar em conjunto né. Não é porque o aluno tem deficiência que ele é da Educadora Especial, isso não existe na escola Chácara das flores. O aluno “X”, ele é o aluno da escola e a escola como um todo vai fazer pra que esse aluno possa ter condição de aprendizagem dentro daquilo que ele consegue avançar. Então eu vejo isso como a maior estratégia e força que a escola tem, trabalhar sempre em conjunto. [...] eu sempre digo para as famílias quando a gente chama para conversar que nós somos uma equipe, somos integrantes da mesma equipe, professores, funcionários, alunos, pais. Nós somos uma equipe, e o que nós vamos fazer para que essa equipe chegue no final do ano letivo, no caso e avance? Nós temos que trabalhar juntos, o trabalho tem que ser em equipe, [...]. Se tem alguma coisa que está errada, vamos tentar ajustar. Ninguém está aqui para culpar ninguém, nós estamos aqui para trabalhar juntos né. Equipe trabalha junto. Então, eu vejo que essa é a nossa marca”.

A partir disso, percebe-se a importância de a escola ser vista como um espaço de coletividade, de trocas e parcerias. Para que tais ideias se desenvolvam, faz-se necessário um movimento pela busca dessa concretização, por parte da gestão escolar. É de extrema importância a existência de uma gestão que seja participativa, que se desenvolva no coletivo e junto aos demais profissionais atuantes na escola, e também, das famílias e comunidade, não deixando as responsabilidades unicamente ao gestor, pois ele não é o único responsável pelos alunos, uma vez que “[...] a consolidação de uma escola inclusiva acontece na medida em que

a comunidade escolar se apoia mutuamente”. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2020, p. 8).

A gestão de uma escola é um trabalho de parceria, em que todos precisam estar caminhando juntos, pois esta “[...] demanda da participação ativa de todos para a tomada de decisões no planejamento participativo, abrangendo a dinâmica de interações em decorrência do trabalho como prática social” (FERRÃO, 2011, p.39). É preciso ouvir, orientar, aceitar e dar sugestões, para que assim, de fato, a escola promova práticas mais inclusivas.

P2 – *“Outra coisa que a gente faz com os mais velhos, com os alunos em anos finais, é que se aconteceu alguma coisa, vamos chamar os pais? Não. Vamos resolver nós né. [...], é olhar que a conversa é muito melhor que uma punição [...].*

Aqui, mais uma vez, levanta-se a importância do escutar ao que o aluno tem a nos dizer. É preciso estar disponível para construir uma escola inclusiva. Disponível para compreender e respeitar. Para dar visibilidade aquela voz que pulsa naquela existência singular que quer dizer algo. Essa disponibilidade de escuta, talvez, possibilite a produção de um espaço mais inclusivo, pois este se mostrará mais atento.

Para resolver os possíveis problemas que rondam os alunos dentro do ambiente escolar, é preciso dar espaço para que estes tenham a possibilidade de se posicionarem, explicarem, falarem de si aos outros e a si mesmos. “Problematizar os modos como configurarmos os problemas implicaria [...] colocarmos *sub judice* os regimes de percepção que nos sequestram no campo da educação e imprimem valor de verdade a certos modos de existência na escola” (RIBEIRO, 2020, p.166, *grifo do autor*). Para incluir é preciso reforçar a existência do aluno, de todo e qualquer aluno, e dar possibilidades e vazão à sua singular existência.

P2 – *“Essas práticas são essenciais na vida dos alunos. [...], a professora de ensino religioso fez uma pesquisa com eles para saber o que tinha mudado na vida deles na pandemia, né. A resposta deles era, ‘nós não vamos para a escola’, ‘nós não fazemos nada’, ‘nós não saímos’. Aluno de zona periférica não vai pro shopping, não vai passar a tarde no shopping, o máximo que eles vão é passar a tarde sentado no calçadão, né. Por que eles não têm isso, né. Então o que mudou foi que a gente não tem mais o espaço da escola. [...] eles saiam de lá meio-dia da aula, né e uma e meia eles estavam lá para jogar bola, outros pra ficarem sentados se olhando, conversando, papeando. Por que a escola é espaço de acolhimento pra eles, espaço de convívio, espaço de inclusão pra eles, né.*

Atualmente, a carência socioeconômica está presente na vida da grande maioria dos alunos que frequentam a escola Chácara das Flores. Ter o espaço escolar para recebê-los, era uma forma de possibilitar que esses alunos pudessem estar mais próximos uns dos outros, que

pudessem, a partir das trocas, buscar novas possibilidades para as suas vidas, fortalecendo-se na coletividade, na vida em comum.

É possível perceber, a partir dos relatos trazidos pela diretora, os frutos de se apostar em uma proposta de educação inclusiva, de se ter um espaço pautado na valorização dos sujeitos e na acolhida destes, pois há o reconhecimento por parte dos alunos de que o espaço escolar, hoje, é um lugar importante, e de que não ter o espaço da escola, agora, disponível como antes, em função da pandemia, tornou-se difícil.

P2– “[...] uma das principais marcas da gestão nossa é fazer com que as pessoas se sintam bem lá dentro, funcionários, professores, direção, alunos, [...]. A gente tem que atentar para que as pessoas se sintam bem, se sintam acolhidas, o professor acolhido, funcionário acolhido, para que essas pessoas consigam trabalhar com esses alunos. [...] a gente pensa muito no aluno, na família, mas a gente também precisa pensar naquele professor, naquele pessoal que está na escola, no nosso coordenador, nós mesmos [...]. Como sempre a gente diz, somos um todo. [...]. Nós temos que estar bem e temos que buscar viver bem, para que consigamos passar isso para o nosso aluno. O aluno que vê o professor que está de coração ali, faz toda a diferença e acho que esse é o grande diferencial da nossa escola, de incluir todos e não se preocupar só com alguns. Por que alguns precisam do todo”.

A escola, enquanto espaço responsável por receber diversas vidas, nos seus mais diversos modos e singularidades, precisa estar atenta à criação de condições para que todos os sujeitos possam compartilhar um espaço acolhedor. Defender cada vida que ali dentro se faz presente tem valor enorme. “Defender a vida demanda luta, exige uma disposição combativa *in loco*, em meio a tantas outras disputas, movidas por tantos outros valores”. (RIBEIRO, 2020, p.174, grifo do autor).

Para a defesa dessas vidas, é necessário o engajamento por parte da gestão escolar, para que assim, junto aos demais sujeitos que a compõem, possam criar condições para a construção da escola inclusiva que se deseja. É preciso que todos estejam caminhando juntos, partindo da ideia de que é com o apoio do outro que eu me fortaleço.

3.2 RESSIGNIFICANDO: DO ESPAÇO DE SEGREGAÇÃO E DEPÓSITO PARA UM LUGAR DE TRANSFORMAÇÃO

Imagem 1 - Escola Chácara das Flores antes e depois.



Fonte: Facebook da escola.

Foi possível perceber, ao analisar as narrativas das entrevistadas, o quanto as participantes deixaram claro que a mudança, hoje percebida na escola Chácara das Flores, chegou também em decorrência de uma longa caminhada das outras gestões. Caminhada esta, que não foi fácil, e que, hoje, ainda existe uma luta para garantir uma escola que possibilite a inclusão de todos, uma escola que seja para todos.

P2 – “[...] eu acredito que o nosso trabalho fez com que a referência viesse do nosso esforço. [...] eu cheguei na escola e não éramos lembrados enquanto Chácara das Flores. Mas o nosso esforço, os esforços das outras gestões fizeram com que isso fosse referência, referência da nossa luta, do engajamento de todos, todos engajados em função da escola e isso faz a diferença [...]”.

Incluir na escola Chácara das Flores pode ser visto como uma possibilidade de desconstrução de discursos estereotipados, que por muito tempo rondavam e caracterizavam aquele espaço escolar e seus sujeitos. Precisamos nos perguntar que condições possibilitam que determinadas realidades sejam pensadas como sendo da ordem do problema. Faz-se necessário atentarmos para o fato de que o que falta, muitas vezes, são condições e possibilidades para que esses espaços possam ser reconhecidos, vistos de outras maneiras.

P1 – “Nós trabalhamos numa escola de periferia. Numa escola da zona norte de Santa Maria que tem, eu acho que a gente até pode falar que tinha uma característica muito pesada, de um estereótipo de uma escola em que somente tinha alunos que não

evoluíam. A escola Chácara das Flores ela era considerada o berço dos alunos problemas. Então, [...] quando eu entrei ali em 2016, a escola já estava trabalhando para mudar isso”.

Nos dias de hoje, deparamo-nos com uma realidade em que a escola, de um lado, passou a ser vista como aquela da concorrência, da produtividade, do espaço responsável por preparar as crianças desde cedo para o mercado de trabalho, e de outro, como aquela da ineficiência, dos restos. A desigualdade social, gerada pela má distribuição dos recursos, faz com que essas diferenças aconteçam.

Políticas que, cada vez mais, visam a privatização da educação, emergem de forma constante, fazendo com que a distância entre as classes sociais apareça com maior evidência, o que acaba refletindo, também, no espaço escolar. Preconceitos e ideias preconcebidas marcam e rotulam os espaços escolares mais vulneráveis, assim como, até pouco tempo, marcavam também a escola Chácara das Flores.

As escolas públicas periféricas são conhecidas como berços de existências “despossuídas” de seres sempre diminuídos, esquecidos [...]. Todavia, [...] há, ainda, estouros de vida que intensificam a realidade das existências afirmando seus direitos de existir, conquistando sempre mais realidades com a instauração de gestos que afirmem a multiplicidade de mundos. (CARVALHO, ROSEIRO e LOURENÇO, 2020, p.100-101, grifo dos autores).

Para desconstruirmos essa ideia é preciso lutar, dialogar e acreditar que essa mudança será possível. Na escola Chácara das Flores, a visão que se tinha sobre aquele espaço foi sendo ressignificada, mas o que possibilitou isso foi o engajamento das gestões pela busca da mudança dessa realidade, a busca da construção de outros olhares para que a escola fosse vista de outras formas.

P1 – “Nós tivemos um avanço de 2018 para cá de quase 100 alunos, estamos beirando os 300 alunos. Quando que a gente tinha né? Por que a gente tá mudando, a gente tá mudando o sentimento de pertencimento daquela comunidade. Eles têm que entender que a escola é deles. Nós dizíamos lá em 2018 quando tivemos todas as telas de proteção da escola furtadas, que nós íamos construir de novo, mas que a comunidade tinha que entender que é deles e hoje eles têm paixão pela escola. [...], tem pessoas passando na frente e parando para tirar foto, falando, elogiando a gestão e claro que temos mérito, temos, mas isso foi uma caminhada de muitos anos e hoje né, colhemos esses frutos, mas é no sentido de olhar que foi feita uma grande caminhada pra chegar até aqui”.

A valorização do espaço escolar é um passo importante rumo ao reconhecimento do trabalho coletivo e para o desenvolvimento de espaços de escuta, trocas e respeito entre escola, professores, alunos e comunidade.-É preciso que todos tenham o entendimento sobre qual papel

a escola ocupa na sociedade, de que a escola é um espaço pensado para a comunidade e esta deve colaborar para mantê-la.

Diversos desafios passam pelo espaço escolar, seja em relação aos alunos, à família, aos funcionários, à comunidade. Dada a imprevisibilidade frente a tais desafios, cabe à escola, em seu conjunto de relações, encará-los como o combustível para que essas relações que acontecem sejam (re)pensadas e assim, venham a se modificar.

O trabalho com comunidades em situação de vulnerabilidades social envolve comprometimento com valores éticos e morais. O gestor precisa posicionar-se com firmeza, mas também demonstrar que respeita e aceita as pessoas da comunidade em suas limitações e falhas, tentando mostrar que existem outras possibilidades. (PACHECO, 2012, p. 51).

É preciso olhar para os problemas e tentar compreender o que está permitindo que estes apareçam. Não é através do julgamento que isso será resolvido, mas através da escuta e do diálogo.

P2 – “Eu cheguei na escola Chácara das Flores em 2013, com 96 alunos, com uma luta muito grande da gestora na época, neste sentido de resgatar esse sentimento de pertencimento da comunidade. A gente percebia assim, que não havia esse carinho e esse sentir que a escola Chácara das Flores estava ali na Chácara das Flores para a comunidade. Então, foi um trabalho muito grande que foi feito [...]. Hoje a gente tem noção que toda aquela caminhada que eu vi lá de 2013 com 96 alunos, ela chega a uma parte, um diferencial totalmente notável de ter quase 300 alunos. 300 alunos e pais que a gente coloca na escola. A nossa escola é citada nas redes sociais inclusive fora do âmbito do Face do Chácara. Os pais se sentindo ‘a escola do meu bairro’, a gente não tinha essa noção, os pais nem consideravam. ‘A escola do bairro’, era outra escola que tem no bairro, a nossa era considerada aquela que iam os problemáticos, que iam aqueles que não conseguiam e eu acho que o que fez toda a diferença foi a escola trabalhar [...] valorizando o que eles traziam de conhecimento prévio. A gestão foi sempre valorizando e dando esse carinho e esse olhar para aquilo que os alunos tinham e jamais levando em conta as dificuldades e o que aparecia”.

Pensar sobre o que podemos levar para a escola como uma reinvenção daquilo que é dado e vivido ali dentro é essencial para pensarmos em formas de transformar os empecilhos em possibilidades de mudança. A escola Chácara das Flores foi, por um longo tempo, vista como um espaço de problemas e o que fez a diferença foi acreditar e apostar que seria possível mudar essa realidade.

É preciso valorizar o meio em que estamos inseridos, buscar descobrir a origem desses “problemas” que, muitas vezes, são visualizados nos espaços escolares, “trata-se de problematizar a própria imagem conceitual que construímos de problema. Pôr em causa o valor de um problema significa interrogar as condições que constituem algo como sendo da ordem do problemático.” (RIBEIRO, 2020, p.168).

É preciso olhar para as dificuldades e entendê-las. Ir atrás, dar novos sentidos, abrir novas possibilidades, resgatar. Isso faz toda a diferença, e fez a escola Chácara das Flores ser a escola que é hoje.

P2 – “[...] eu cheguei no Chácara, com 96 alunos em uma escola desacreditada. Hoje os pais disputam vaga na nossa escola. A gente tem lista de espera. Então assim, eu acredito que primeiro se teve que fazer uma parte para depois a gente ter sucesso em outras partes. Esse pintar da escola, esse cuidado com a escola, ele não é só um pintar para ficar bonito. A gente percebeu que foi pintada sim, mas porque nós nos importamos com essa escola. [...] Eu acredito que aquela escola estando bonita, bem pintada, mostra o cuidado nosso com essa comunidade, com essa escola, de oferecer o melhor para essas crianças. O que eu percebo, que assim, nós tínhamos um Face que os pais nem olhavam e hoje nós temos pais assim, muitos agradecendo a escola, colocando ‘a escola dos meus filhos é bem cuidada’, ‘na escola dos meus filhos, eles são bem ensinados’. E nós não tínhamos isso até muito pouco tempo atrás. Então essa caminhada, eu acredito que ela já avançou muito [...] para quem chegou com 96 alunos, com mato de 1 metro, a gente já ganhou muito [...]”.

Ter o reconhecimento de que a escola Chácara das Flores é um espaço pensado para a comunidade é algo que hoje já é factível. É possível perceber o quão grande tem sido os resultados do trabalho que vem sendo desenvolvido na escola, para que tal ideia pudesse ser concretizada. Hoje a escola é vista com outros olhos, estes que antes só viam defeitos e erros. É uma mudança na forma de significação, produzida como efeito dos investimentos da gestão em resgatar os seus alunos e famílias, fazendo esses sujeitos entenderem que a escola é para eles, é um espaço para a comunidade.

Poder desconstruir aquela escola que se via “apagada”, rodeada de discursos preconceituosos, e passar a produzi-la como um espaço acolhedor, fez com que a escola Chácara das Flores ganhasse uma nova vida, novos sentidos. Visto que “[...] uma escola é uma vida, uma forma de vida. Ao tomarmos a escola não como um ser, mas como um modo de existência, assumimos que sua vida é feita do gradiente intempestivo de suas forças, situação que faz engendrar os modos de existência de seus próprios problemas”. (RIBEIRO, 2020, p.175). É preciso olhar para os “problemas” e encará-los como desafios, metas a serem cumpridas.

P1– “A questão da comunidade também é um crescimento que a gente vem tendo na escola, né. Nós temos pais extremamente participativos, [...]. Nós temos alguns pais que em princípio eles ajudam [...], mas a gente vê muito ainda que os pais têm aquela coisa de que a escola precisa dar, mas a gente não precisa ajudar. Mas eu creio assim, eu tenho muita convicção que a gente vai mudar isso, a gente já está mudando, né. [...]. A gente vê assim nas postagens, nos agradecimentos. Claro que a gente não faz nada esperando agradecimento, esperando louvores, não. Mas neste sentido, a gratidão deles, a demonstração de afeto e de carinho conosco já mudou muito. Então a gente percebe que estamos caminhando pra mudar, né. Eu acredito que daqui um tempo a gente vai ter uma comunidade muito mais participativa. Nas festas a

comunidade é bem participativa, né. Ir em festa, estar lá, estar junto. Isso a gente não pode negar assim, não pode dizer que não acontece, né. Mas a gente ainda vê pouco assim, movimento mais efetivo com a escola”.

Ter um maior envolvimento e participação por parte da comunidade junto a escola Chácara das Flores é algo que exige esforço. Tal afirmação pode ser identificada também no PPP da escola quando este traz que o “desafio da E.M.E.F Chácara das Flores é buscar fortalecer a articulação e interação entre a escola e comunidade, assumindo uma posição dialógica para a construção e implementação de um projeto de escola que contemple princípios e ações compartilhadas”. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2020, p.8).

O reconhecimento e o agradecimento por aquele espaço existir já se fazem presentes, porém, é necessário que a comunidade entenda que o espaço escolar precisa do apoio e da participação de todos, e para isso “a equipe gestora busca a conscientização sobre o resgate do papel da família na vida escolar dos filhos, comprometendo-a e co-responsabilizando-a com o processo educativo”. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2020, p. 13).

A escola não se faz sozinha. O gestor, sozinho, não consegue manter e garantir sucesso em seus processos educativos, sem o apoio e colaboração dos demais sujeitos, pois “[...] não é a escola que faz os cidadãos; são os cidadãos que fazem a escola. Se pensarmos que ela fará os cidadãos, estamos protelando a cidadania que dizemos almejar. É preciso colocá-la como um princípio afirmativo e não como uma finalidade ausente”. (KOHAN, 2020, p. 183). É preciso construir coletivamente a ideia de que a escola se faz com e para os sujeitos que nela atuam.

P2 – “[...] outras gestoras, outras escolas diziam, ‘A não! Lá pro Chácara só vai o que não presta!’ [...] eu quando cheguei lá era tipo professor de segunda linha. Eu vim de uma escola que era dita bem-conceituada na cidade e as vezes diziam, ‘Ah, lá tudo pode! Lá tudo vale!’ e aí a gente foi trabalhando no sentido de que não é assim. Nós estamos aqui e nós vamos fazer diferente. E a diferença está aí. É muita diferença”.

A outra entrevistada complementa:

P1 – “[...] colocando inclusive que o professor que ia estar lá ia acabar com a sua carreira, ia manchar a sua carreira. E hoje tu vê assim, que em tão pouco tempo, pessoas pedindo para estar lá. Professoras ligando para ir para lá. Lista de espera de alunos, turmas lotadas. [...]. O que nos move é saber que esses alunos vão subir, vão fazer os anos finais serem turmas grandes, porque nós ainda temos turmas de anos finais pequenas. A nossa turma do 9º ano tem 14 alunos, né. Mas já tivemos turmas fechadas porque não tinha aluno.

A escola Chácara das Flores era vista como um espaço pensado para receber os sujeitos “refugos”. O lugar por onde passavam os incompetentes, aqueles que não tinham valor, aqueles que não prestavam; era a escola dos rejeitados. Esse pensamento foi se deslocando, a partir do momento em que se passou a buscar pela desconstrução dessas ideias e a apostar em uma escola de respeito à vida e à diferença.

Uma escola que por estar localizada em uma região não privilegiada socioeconomicamente da cidade, por ocupar um espaço na periferia, é produzida como lugar de fracasso. Uma escola que por ser destinada a uma parcela específica daquela comunidade que vive em condição de precarização, passa a ser compreendida como uma escola que merece pouco investimento, que possui menos valor e importância. “Ainda que os mundos sejam possíveis, há sempre a sobrepujança de uns sobre os outros; há sempre a diminuição de mundos quando esses, de algum modo, se retiram do arcabouço de mundos necessários para a alimentação do modo capitalístico de existir”. (CARVALHO, ROSEIRO e LOURENÇO, 2020, p.95).

A luta e o engajamento que se teve por parte da gestão da escola Chácara das Flores foi fundamental para romper com boa parte desse estereótipo. Isso possibilitou que a escola passasse a ser valorizada, reconhecida, ressignificada.

P1 – “Eu acho que o que fica de tudo isso que a gente passa é essa crença na escola, né. [...]. A nossa escola é bem cuidada, mas porque nós temos pessoas apaixonadas e que veem, enxergam e é em todos os âmbitos. Os funcionários são assim, as professoras são assim, a gestão é assim, porque enxergam que esse investimento inclusivo, esse investimento que traz essa inclusão num todo para dentro da escola, ele dá frutos. Então assim, a gente perde? Claro que perde. A gente se decepciona? Claro, muitas vezes. A gente chora decepcionada? Chora. Mas a gente chora e eu me emociono falando que a gente chora de ver que a escola Chácara das Flores hoje ela é referência. Ela é referência pra nós e foi uma construção muito árdua, que envolveu muita gente, que envolveu muita luta, envolve muita luta ainda, mas é uma construção que deu certo, está dando certo [...]”.

Encarar as dificuldades como impulsos para repensar as ações e práticas que se desenvolvem no espaço escolar é fundamental. É preciso mostrar resistência frente aos discursos e pensamentos que caracteriza e inferioriza determinado sujeito, determinado espaço, determinado contexto.

Os desafios estão aí; e estar em sintonia no espaço de trabalho, apoiando-se uns aos outros, é essencial para ressignificá-los, retirando-os do lugar de problema, colocando-os no lugar do acontecimento. É preciso “[...] pensar no trabalho escolar a partir do que se vive no cotidiano da escola. Os problemas, as frustrações, os sucessos e fracassos fazem parte da rotina

escolar. A escola é um lugar caracterizado por um contexto de trabalho, que precisa ser gestado por quem desenvolve”. (SÔNEGO, 2017, p. 74).

Foi o trabalho de todos juntos que possibilitou, hoje, a escola Chácara das Flores ser vista de outra forma. É a defesa pela potência da escola e a crença de que o que nela se faz pode transformar realidades, que acionam as práticas que são desenvolvidas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, por ora, chega ao fim, mas com a certeza de que as discussões que o compõem não podem se dar por encerradas. Considero a conclusão desse estudo como sendo a finalização de mais uma etapa em minha vida acadêmica e, ao mesmo tempo, o impulso para continuar nessa pesquisa em um futuro próximo.

Ao analisar as ações da gestão da EMEF Chácara das Flores, procurando compreender como o princípio de inclusão vem sendo operado nas práticas desenvolvidas pelos sujeitos que ali atuam, percebe-se o quanto essa aposta está sendo significativa tanto para aquele espaço escolar, quanto para os sujeitos que ali frequentam. Pelo fato de a grande maioria dos seus alunos viverem em situação de vulnerabilidade social, a gestão partiu do princípio de inclusão como forma de tentar mudar essa realidade.

As Políticas de Inclusão, na maioria das vezes, remetem à ideia de centralidade no sujeito público-alvo da Educação Especial, porém, aqui, é reforçada a importância para que esta esteja pensada além, não direcionada apenas para a deficiência e sim como um conceito que deve perpassar a todos os sujeitos da sociedade. Na escola Chácara das Flores foi fundamental, para a mudança hoje percebida no contexto escolar e na vida dos seus alunos, professores e funcionários, assumir as Políticas de Inclusão como centro no desenvolvimento de seu trabalho.

Apostar na inclusão como uma possibilidade para todos foi essencial para que a escola pudesse se reinventar, ser hoje um espaço visto de outros modos, pensada para outros sujeitos. A escola Chácara das Flores não é pensada como um espaço apenas de ensino de conteúdos, mas sim, como aquele lugar que acolhe, escuta, orienta. Foi pensando na escola como espaço de escuta à vida e de atenção ao singular que pode garantir a permanência de seus sujeitos. Escutar alunos, professores e funcionários; romper estereótipos e preconceitos, passos que possibilitam a essa escola ser como é hoje, um lugar amado e respeitado por todos.

Percebe-se que a imagem de escola dos problemas, dos defeitos, daquilo que não tinha valor foi/está sendo desconstruída e hoje essa se vê com vida, colorida, como um espaço reconhecido pela comunidade e pelos pais de seus alunos. É uma escola que hoje se vê disputada por sujeitos que querem estudar ou então trabalhar lá. Isso é a certeza de que o trabalho que vem sendo desenvolvido pela gestão escolar está sendo significativo e produzindo efeitos potentes e importantes em termos de transformação.

A escola Chácara das Flores pode ser vista como espaço de potência. Lugar onde não se hierarquiza os saberes, onde uns não se sobressaem em relação aos outros. É uma escola que está atenta a vontade que nos constitui de moldar os sujeitos dentro de padrões estabelecidos, e

uma vez atenta, procura, em um exercício cotidiano, resistir a essa vontade. É um espaço que dá liberdade para que estes se percebam e percebam também os outros dentro das suas particularidades.

Cabe aqui ressaltar que em nenhum momento procurei indicar a escola Chácara das Flores como um modelo a ser seguido. Não é uma escola ideal, não serve como referência para outras escolas como uma norma a ser seguida. Ao escolher analisar suas práticas, a intenção não foi indicar como a escola deve ser se quiser ser inclusiva, mas sim, propor uma discussão sobre as possibilidades de organização das ações escolares centradas em princípios inclusivos.

Na escola Chácara das Flores tem sido possível organizar as práticas da forma como aqui procurei discutir e tem sido muito potente, mas entendo que isso só se tornou possível porque a escola olhou para si, para suas singularidades e ousou propor a ressignificação de conceitos, verdades, metas. Assim, o que se consegue concluir é que se faz preciso que cada escola se liberte um pouco das normas e prescrições sobre como devem organizar suas práticas, e passem a procurar dentro das suas singularidades o que pode fazer diferença.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SECADI, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>> Acesso em: 31 ago. 2020.

_____. Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**. Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em: 20 set. 2020.

_____. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em: 20 set. 2020.

BREITENBACH, Fabiane Vanessa. **Propostas de Educação Inclusiva dos Institutos Federais do Estado do Rio Grande do Sul**: alguns apontamentos. 2012. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2012.

CARVALHO, Janete Magalhães; ROSEIRO, Steferson Zanoni; LOURENÇO, Suzany Goulart. Por docências não dogmáticas e existências não mínimas nos cotidianos escolares. CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera (Org.). **Currículo e estética da arte de educar**. 1 Ed. Curitiba – PR, 2020, p. 89-113.

CASTRO, Marta Luz Sisson de.; WERLE, Flávia. Obino Corrêa. **Estado do Conhecimento em Administração da Educação**: uma análise dos artigos publicados em periódicos nacionais 1982-2000. Ensaio: avaliação de políticas públicas educacionais, Rio de Janeiro, v. 12, n. 45, p. 1045-1064, out./dez. 2004.

CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SANTA MARIA. Resolução CMESM nº 31, de 12 de dezembro de 2011. Define Diretrizes Curriculares para a Educação Especial no Sistema Municipal de Ensino de Santa Maria – RS. **Secretaria de Município da Educação**, Santa Maria, RS. 2011. Disponível em: <<http://www.santamaria.rs.gov.br/smed/586-legislacao>> Acesso em: 30 out. 2018.

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL CHÁCARA DAS FLORES. **Projeto Político Pedagógico**. p. 1-38, 2020.

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL CHÁCARA DAS FLORES. **Regimento Escolar**. p. 1-35, 2020.

FACEBOOK DA ESCOLA. **Escola Chácara das Flores antes e depois**. 2021. 1 fotografia, color., 8,79 cm X 9,96 cm.

FERRÃO, Evanir Quevedo. **Gestão participativa**: uma nova perspectiva de educação. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Educacional) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2011.

GALLO, Sílvio. mínimo múltiplo comum. RIBEIRO, A. (Org.). **políticas, poéticas e práticas pedagógicas** (com minúsculas). 1. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2014. p. 20-33.

GLAT, Rosana. (Org.) **Educação Inclusiva**: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

GOMES, Lara Simoni Vizzotto. **Inclusão Escolar**: desafios dos gestores na orientação docente. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Educacional) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2018.

KOHAN, Walter Omar. Uma escola filosófica popular? GALLO, Silvio; MENDONÇA, Samuel (Org.). **A escola: uma questão pública**. 1. Ed, São Paulo: Editora Parábola, 2020. p.179-191.

MACHADO, Dirlene Pacheco. **A gestão escolar democrática e os desafios da escola básica nas comunidades em situação de vulnerabilidade social**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Educacional) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2012.

PEREIRA, Alcimari Soares. **A gestão educacional numa escola da periferia urbana de Santa Maria/RS: a infância em situação de vulnerabilidade social**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Educacional) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2009.

PREFEITURA DE SANTA MARIA. Lei nº 6001, de 18 de agosto de 2015. Estabelece o Plano Municipal de Educação e dá outras providências. **Secretaria de Município da Educação**, Santa Maria, RS. 2015. Disponível em: < <http://www.santamaria.rs.gov.br/smed/102-plano-municipal-de-educacao> > Acesso em: 30 out. 2018.

PREFEITURA DE SANTA MARIA. Lei nº6146, de 3 de agosto de 2017. Institui o Plano Plurianual do Município de Santa Maria para o período de 2018 a 2021. **Secretaria de Município da Educação**, Santa Maria, RS. 2017. Disponível em: < <https://leismunicipais.com.br/a/rs/s/santa-maria/lei-ordinaria/2017/615/6146/lei-ordinaria-n-6146-2017-institui-o-plano-plurianual-do-municipio-de-santa-maria-para-o-periodo-de-2018-a-2021> > Acesso em: 30 out. 2018.

RIBEIRO, Cintia Regina. Escolas e problemas: uma política vitalista. GALLO, Silvio; MENDONÇA, Samuel (Org.). **A escola: uma questão pública**. 1. Ed, São Paulo: Editora Parábola, 2020. p.165-177.

SOUTO, Elise de Matos. **A inserção da diversidade no contexto da desigualdade social: desafios para a gestão escolar**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Educacional - EAD) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2011.

ANEXO A: Carta de apresentação

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA
MARIA CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO
EDUCACIONAL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL**

Santa Maria, 27 de outubro de 2020.

Para: Prof.^a Juliana Cezimbra
Diretora da EMEF Chácara das Flores

De: Prof.^a Eliana Menezes
Professora EDE/CE/UFSM

Prezada professora Juliana,

A emergência de políticas de inclusão escolar tem apresentado às escolas desafios para organização de suas práticas. Considerando que cada contexto escolar apresenta características e condições específicas para a implementação dos princípios legais que amparam as ações inclusivas, faz-se importante conhecer tais contextos com vistas à identificação do que pode potencializar as práticas que neles são desenvolvidas. Nesse contexto, venho desenvolvendo meu trabalho monográfico como especializando do Curso de Especialização em Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria/RS, sob orientação da Professora Dr.^a Eliana da Costa Pereira de Menezes, com objetivo de analisar as ações da gestão escolar centradas no princípio da inclusão, procurando compreender como tal princípio vem sendo significado e operado nas práticas que são desenvolvidas pelos sujeitos que ali atuam.

Nesse sentido, venho através desta solicitar a sua autorização para a realização da pesquisa na EMEF Chácara das Flores, além de convidá-la à participar como sujeito da pesquisa, colaborando na realização de uma entrevista.

Desde já agradecemos sua colaboração.

Katiani do C. Lazzarotto
Katiani do Carmo Lazzarotto
Aluna Esp. Gestão Educacional

Eliana P. Menezes
Eliana Pereira de Menezes
Orientadora da pesquisa

ANEXO B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TÍTULO DO ESTUDO: Educação inclusiva como princípio de gestão escolar.
 ORIENTADORA: Profª. Dra. Eliana Pereira de Menezes.
 ACADÊMICA: Katiâni do C. Lazzarotto.
 INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Santa Maria/UFSM.
 LOCAL DA COLETA DE DADOS: Escola Municipal de Ensino Fundamental Chácara das Flores.

Prezado(a) Senhor(a) Professor(a),

Você está sendo convidado (a) a responder às perguntas desta entrevista de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder esta entrevista, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes de você se decidir a participar. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

Tal pesquisa servirá de base para a construção de um estudo final de Pós-graduação no Curso de Especialização em Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM, e tem por finalidade compreender as ações da gestão escolar centradas no princípio da inclusão, verificando como tal princípio vem sendo significado e operado nas práticas que são desenvolvidas pelos sujeitos que ali atuam.

Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas em responder as perguntas desta entrevista. A entrevista será gravada e transcrita.

BENEFÍCIOS: Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, com benefícios diretos ao senhor(a), pois possibilita a reflexão de sua prática frente aos aspectos relacionados a educação inclusiva.

RISCOS: A participação nesta pesquisa não representará risco de ordem física ou moral, no entanto, em algum questionamento você poderá sentir-se constrangido(a), abalando o seu psicológico.

As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinado este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Santa Maria, 08 de janeiro de 2021.

Katiâni do C. Lazzarotto
 Katiâni do Carmo Lazzarotto
 Aluna Esp. Gestão Educacional

Eliana P. Menezes
 Eliana Pereira de Menezes
 Orientadora da pesquisa

 Entrevistado(a)

ANEXO C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TÍTULO DO ESTUDO: Educação inclusiva como princípio de gestão escolar.
 ORIENTADORA: Profª. Dra. Eliana Pereira de Menezes.
 ACADÊMICA: Katiâni do C. Lazzarotto.
 INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Santa Maria/UFSM.
 LOCAL DA COLETA DE DADOS: Escola Municipal de Ensino Fundamental Chácara das Flores.

Prezado(a) Senhor(a) Professor(a),

Você está sendo convidado (a) a responder às perguntas desta entrevista de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder esta entrevista, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes de você se decidir a participar. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

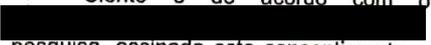
Tal pesquisa servirá de base para a construção de um estudo final de Pós-graduação no Curso de Especialização em Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM, e tem por finalidade compreender as ações da gestão escolar centradas no princípio da inclusão, verificando como tal princípio vem sendo significado e operado nas práticas que são desenvolvidas pelos sujeitos que ali atuam.

Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas em responder as perguntas desta entrevista. A entrevista será gravada e transcrita.

BENEFÍCIOS: Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, com benefícios diretos ao senhor(a), pois possibilita a reflexão de sua prática frente aos aspectos relacionados a educação inclusiva.

RISCOS: A participação nesta pesquisa não representará risco de ordem física ou moral, no entanto, em algum questionamento você poderá sentir-se constrangido(a), abalando o seu psicológico.

As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu  estou de acordo em participar desta pesquisa, assinado este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Santa Maria, 10 de novembro de 2020.

Katiâni do C. Lazzarotto
 Katiâni do Carmo Lazzarotto
 Aluna Esp. Gestão Educacional

Eliana P. Menezes
 Eliana Pereira de Menezes
 Orientadora da pesquisa


 Entrevistado(a)